

Memórias
de
Helenira
Resende de Souza
Nazareth





*Helenira Resende de Souza Nazareth -
Foto: Arquivo Pessoal/Marta Costta*

Mulher jovem, corajosa e determinada

Assim pode ser definida Helenira Resende de Souza Nazareth, estudante da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. Naquele ano de 1968, ela tinha 23 anos. Não chegou a concluir o curso de Letras, pois foi presa após o Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) de Ibiúna, em São Paulo. “Ao sair da prisão, foi aconselhada por uma advogada do PCdoB, que conseguiu sua liberdade, a viver na clandestinidade, pois a qualquer momento o regime poderia procurá-la novamente”, como conta ao Jornal da USP a captadora de recursos para projetos sociais Marta Nazareth Costta, sobrinha de Helenira.



A partir do ano seguinte, 1969, ela foi vista poucas vezes. “Minha irmã Heleneide a encontrou no Rio de Janeiro. Daí para frente as notícias foram ficando cada vez mais difíceis”, lembra a professora universitária aposentada Helenalda Resende de Souza Nazareth, irmã de Helenira e que também estudou na USP, formando-se em Matemática. Atualmente é autora de livros didáticos.

As seis irmãs tinham o sobrenome Resende de Sousa Nazareth: Helenice, Heleneide, Helenalda, Helenilda, Helenoira e Helenira. Eram as filhas do médico baiano Adalberto de Assis Nazareth e de Euthália Resende de Souza Nazareth. “Meu avô foi o segundo médico negro a se formar pela Escola de Medicina de Salvador, na Bahia, em 1928”, conta orgulhosa Marta Costta. Das seis filhas, somente duas ainda vivem: Helenalda Resende de Sousa Nazareth e Helenoira Resende de Sousa Nazareth, que é mãe de Marta.

No Araguaia

A prisão no congresso, seguida da vida na clandestinidade, a coragem, a determinação e o ideal de liberdade compuseram o passaporte de Helenira, só de ida, para a região do Araguaia.

“Como pode uma jovem de 24 anos ter estado aqui, embrenhada nestas matas, com uma arma na mão, enfrentando militares do exército na luta pela democracia?”, diz Marta, reproduzindo as palavras ditas por ela quando esteve na região do confronto, em uma de suas duas visitas à região. “É preciso ter muita coragem!”.

Helenalda conseguiu acompanhar parte da trajetória de Helenira na clandestinidade por meio de bilhetes que chegavam, misteriosamente, a Heleneide, sua outra irmã que na época era professora de genética da Faculdade de Medicina da Unifesp. De acordo com as irmãs e a sobrinha, a família teve informações de que Helenira teria ido para o Araguaia ainda em 1969, quando tinha 24 anos.

Segundo consta no Memorial da Resistência de São Paulo, “Helenira ficou conhecida na região como Fátima e integrou o Destacamento A da guerrilha, que passou a levar seu nome após sua morte. Helenira Nazareth foi vítima de desaparecimento forçado durante a Operação Papagaio, realizada entre 18 de setembro de 1972 e 10 de outubro de 1972”. Era também conhecida no Araguaia como “Preta”, como recorda Marta Costta.